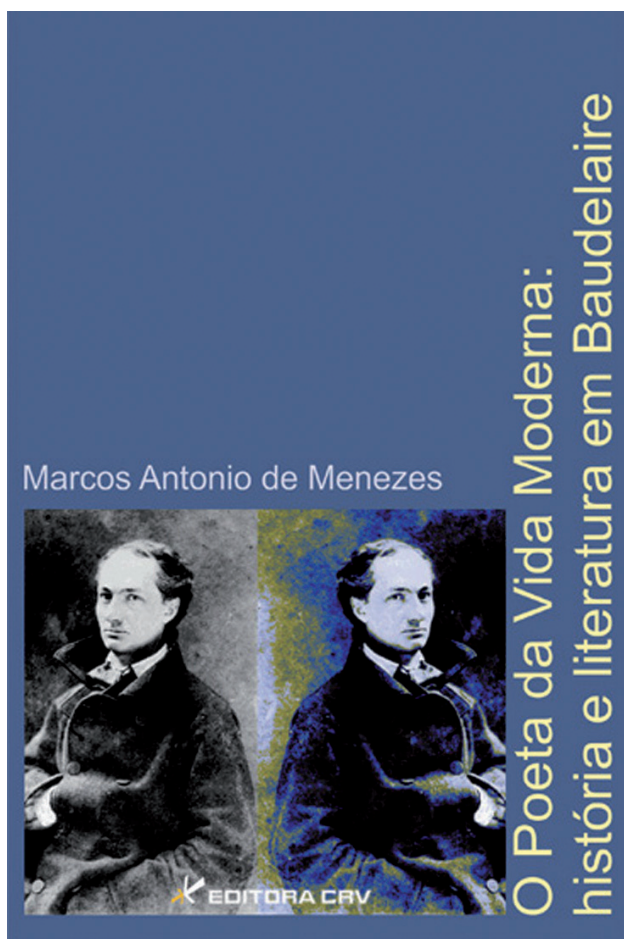


# *Charles Baudelaire: atração e rejeição à modernidade*



## *Matheus de Mesquita e Pontes*

Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso (IFMT-Cáceres). matheus\_catalao@hotmail.com

## Charles Baudelaire: atração e rejeição à modernidade

Charles Baudelaire: attraction to and rejection of modernity

*Matheus de Mesquita e Pontes*

MENEZES, Marcos Antonio de. *O poeta da vida moderna: história e literatura em Baudelaire*. Curitiba: Editora CRV, 2013, 146 p.



A vida acadêmica do professor Marcos Antonio de Menezes é permeada pelos estudos sobre o poeta francês Charles Baudelaire e seu principal intérprete no século XX, o filósofo alemão Walter Benjamin. Temas que abarcam as cidades modernas e suas novas vivências por meio das relações de tempo, da invenção ou configuração de novos espaços, das memórias e das experiências são inquietações que marcam Menezes em suas últimas décadas de produção intelectual. Seu mais recente livro, *O poeta da vida moderna: história e literatura em Baudelaire*, é o resultado do aperfeiçoamento de sua tese de doutoramento intitulada *Um flâneur perdido na metrópole do século XX: história e literatura em Baudelaire*, defendida na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 2004.

De narrativa agradável e de fácil compreensão para o leitor leigo, a escrita de Menezes reflete suas relações anteriores com o mundo do jornal – experiência que impacta sua produção histórica – ao trazer para a sua obra os sentimentos dramáticos vivenciados e observados por Baudelaire no século XIX, como também as práticas contraditórias, que hoje nos parecem exóticas, do poeta ao apropriar-se e rejeitar inovações geradas pela modernidade em sua cidade símbolo, Paris. Desprendido de formalidades tradicionais do universo acadêmico que cerca parte de nós, historiadores, o autor divide seu trabalho em seis partes temáticas e elege o livro de poesia *Les fleurs du mal*, de Baudelaire, como a principal fonte de abordagem.

Apesar de não existir um momento teórico e metodológico específico para reafirmar opções e práticas no labor historiográfico, Menezes deixa transparecer sua aproximação com autores ligados à história social da cultura. É o caso de George Simmel e Benjamin, que foram influências relevantes para Escola de Frankfurt no debate sobre cultura de massas, e são peças-chave nas interpretações das ausências da memória e do extermínio das experiências no emergir das cidades modernas do século XIX. Também se fazem presentes na obra autores como Friedrich Engels – que ressalta as contradições dialéticas existentes nas cidades, a partir do surgimento e crescimento da classe trabalhadora urbana – e Karl Marx, que é evocado para comparar a relação boêmia e a atuação revolucionária, um elemento constante na vida e na escrita de Baudelaire. Entretanto, Menezes não é dogmático e lança mão de pensadores de diferentes matizes – entre os quais escritores e artistas contemporâneos de Baudelaire: Victor Hugo, Honoré de Balzac, Marcel Proust, Eugène Delacroix – para averiguar influências e aprofundar reflexões sobre o período.

No primeiro momento do livro, denominado “Fleurs du temps: a eternidade da poesia de Baudelaire”, são descritos o contexto vivido e as

estratégias elaboradas pelo poeta diante da Paris moderna e repressora. Ficamos sabendo que *Les fleurs du mal* foi condenado por ser imoral pela 6. Vara Correccional de Paris e, além disso, que seu título original era *As lésbicas*, fato então inadmissível. Censurado em diversas partes e consciente de novas intervenções no teor de sua obra, Baudelaire recorreu à alegoria para focar as novas vivências emergentes e para tentar fugir das censuras – uma tarefa instigante, pois o escritor não desejava referendar a nova ordem ou o discurso do progresso infundável, mas, sim, dar visibilidade a experiências nas cidades que comportavam aspectos julgados negativos, a ponto de virem a ser até proibidos. Em razão da busca de Baudelaire por desvendar o novo nas relações urbanas, Menezes o aponta como o primeiro poeta da cidade moderna, enquanto Benjamim o visualiza como vítima da própria modernidade, pelo fato de sua poética lírica ser empurrada para tornar-se uma mercadoria, apesar de ser um produto com pouco interesse comercial se comparado com o recém-nascido folhetim do mundo dos jornais.

Baudelaire rejeitou a ideia de vender sua produção intelectual como mercadoria e não simpatizou com a premissa comercial de que seus poemas deveriam agradar a uma grande clientela de pretensos consumidores para, assim, serem reproduzidos em larga escala. Sua oposição à nascente dinâmica capitalista nas artes e no entretenimento de massas o levou a ser pouco conhecido do público leitor no século XIX. Porém, sua rejeição à reprodução e sua negação em atender às vontades de públicos específicos, para garantir lucros aos outros, conduziram o poeta a explorar sua criatividade e suas fantasias de forma autônoma – o que, para Menezes, foi algo de importância fundamental para sua contribuição à poesia lírica e a toda arte moderna.

Num segundo momento, “O poeta e a cidade”, o foco é o espaço em que estava inserido Baudelaire: Paris, a capital da modernidade. Menezes lembra que no Velho Testamento as cidades possuem uma origem maldita por serem consideradas lugares de profanação entre os homens e de desrespeito ao divino. Seu primeiro exemplar teria sido construído por iniciativa do pecaminoso Caim – filho primogênito da relação carnal de Adão e Eva e igualmente o primeiro homicida da história da humanidade ao matar seu irmão Abel. Já a cidade de Babel, primeira capital de um império na humanidade, o da Babilônia, seria merecedora de execração por questionar o poder divino ao construir uma torre com pretensões de chegar ao reino dos céus, mas, conforme o relato da Bíblia, Deus a derrubou e puniu os homens ao embaralhar suas línguas, gerando futuras discórdias. Não muito distante das narrativas bíblicas, Menezes faz uma analogia entre a Paris de Baudelaire no século XIX e as cidades mencionadas no Velho Testamento: os efeitos ilusórios da modernidade e do pretense progresso infinito das forças produtivas do capital conduziram a humanidade a perder seus valores do passado e sua memória, enquanto as vivências dos homens passaram a ser condenadas, em grande parte, à esfera da individualidade.

O século XIX assinalou a época de consolidação do modo de produção capitalista, e foi nas grandes cidades que essas consequências foram mais sentidas. Para Menezes, as cidades e, em particular, os maiores centros da era moderna foram e são espaços de material inesgotável para a poesia e a literatura, pois esses se renovam a cada dia ao produzir novas sensibilidades. A Paris oitocentista de Baudelaire é especial, porque foi a primeira

grande capital europeia a abandonar suas características de origem feudal e a adotar feições modernas que expressavam as novas técnicas e tecnologias emergentes: ruas largas e planejadas, os usos do aço, do cimento e do vidro nas novas edificações.

Nomeado prefeito de Paris por Napoleão III, de 1853 a 1870, Georges-Eugène Haussmann, ou o “artista demolidor”, foi o principal responsável pela reestruturação urbana parisiense. Seu intuito era modernizá-la de forma planejada para evitar os problemas da insalubridade e do retorno das barricadas revolucionárias que ameaçavam a nova dominação burguesa. Velhos bairros foram demolidos e os becos e vielas deram espaço a ruas espaçosas para o perambular humano no comércio crescente e para o avançar de tropas em tempos de revolta. Os poucos edifícios e monumentos antigos que restaram foram mantidos como “documentos históricos” diante do novo urbano que se erguia.

Menezes salienta que Baudelaire se opôs às rápidas transformações na arquitetura e nas vivências que ganhavam força em Paris. Para o poeta, a nova feição do urbano se apresentava de maneira caótica e opressora, contudo, por outro lado, aguçava-lhe a atração pela descoberta do desconhecido. Essa dicotomia da repulsa e da atração levou o escritor a realizar a *flânerie* pela metrópole. Para o autor, Baudelaire, quando se transmutava no *flâneur*, imprimia à sua vida um caráter paradoxal, como sujeito que se imiscui na multidão sem envolver-se nela e que com ela vai ao mercado contemplar as mercadorias. Nesse novo universo de aventuras e descobertas, Baudelaire se aproximava e ao mesmo tempo se identificava com os seres excluídos e marginais dessa nova cidade: os bêbados, os trapeiros, as lésbicas e, especialmente, as prostitutas.

A falta de valorização e a repressão sofrida por sua poesia, por ser um trabalho improdutivo para o capital e questionador da nova ordem, suscitaram em Baudelaire o desenvolvimento de um sentimento diferenciado de exclusão, um exílio voluntário no interior da cidade e de seus paraísos prometidos, um isolamento dentro da sociedade de consumo, ligada a uma interiorização que carregava seus ares de desespero e de dor. Daí que o terceiro momento do livro de Menezes, “O exílio do cisne e do poeta na cidade”, revela essa complexa relação cidade-poeta que é expressada no poema *O cisne* – condição que eleva Baudelaire ao *status* de herói dos seres marginais. Herói no sentido de enfrentar o contexto opressor e mercantil ao continuar o labor de seus versos e por ser capaz de perceber beleza nas existências errantes nos subterrâneos de Paris. Menezes afirma que esse tipo de exílio foi um ato de resistência e que o sentimento de exclusão da cidade reafirma Baudelaire como poeta pioneiro da metrópole moderna.

A implementação da modernidade no espaço urbano foi um fenômeno traumático em que o homem foi desapegado dos seus laços comunitários e posto como um ser solitário perdido na multidão das cidades. Em “Cidades: espaços de não memória em Simmel e Benjamin” – quarto momento da obra –, o autor analisa como esses intelectuais e o próprio Baudelaire percebiam a cidade moderna como o espaço da não memória e das perdas das tradições entendidas como experiências coletivas e individuais, isto é, um lugar fluido que não garantia a solidez das identidades. Nesse contexto, Menezes argumenta que até Baudelaire vivia a perder suas memórias e a sofrer crises com a reformulação identitária, fato tido como inevitável.

Menezes enfatiza que Simmel e Benjamin diagnosticavam que a

cidade criaria um indivíduo que não consegue associar seu passado ao presente na elaboração do futuro. Benjamin acentuava que o ambiente urbano ameaçava a capacidade do homem em transformar vivências em experiências ao criar um ser fadado à repetição e a viver preso em fantasmagorias. Simmel, em seus estudos sobre o dinheiro, asseverava que ele arranca a “alma” das coisas, sua autonomia e originalidade, e que o homem, nessa situação, fica numa atitude *blasé*, próximo da idiotice e da loucura. Baudelaire se aproximou das reflexões de ambos os autores, mas, para Menezes, sua leitura da cidade moderna se afina mais com uma chave melancólica, apesar de o poeta considerar que a obra de arte pode ajudar a romper o estado de letargia ao colocar o habitante da cidade no centro da construção de sua independência, já que a metrópole é o espaço das contradições e dos combates.

No quinto momento do livro, “As flores do mal germinam na primavera dos povos: Baudelaire e os acontecimentos revolucionários de 1848”, o autor explora o envolvimento do poeta com os movimentos revolucionários parisienses. Trata-se, aqui, de uma relação complexa que comporta variantes: ele estava comprometido com a Revolução, porém com pouca lucidez e firmeza nos conceitos revolucionários; tinha fortes paixões na ação política, todavia condenava o envolvimento da literatura com os meios revolucionários; crítico e engajado na causa, mas sem militância em nenhum grupo insurgente; eufórico durante os levantes, decepcionado e descrente após as derrotas. Para Menezes, Baudelaire foi um revolucionário com alma boêmia. A taberna se tornou o lugar de exílio e de convergência com outros marginalizados pelo regime: prostitutas, conspiradores revolucionários, poetas e intelectuais; lugar que inspirava/adubava sua criatividade artística. Na boemia, Baudelaire desejava viver todas as experiências possíveis, indo do sexo ao uso de drogas exóticas, contudo sem perder a criatividade e a disciplina em sua produção poética. Foi nos ambientes depreciados como promíscuos que o poeta desenvolveu as imagens alegóricas da prostituta, do jogador, do colecionador. Entre elas chama a atenção a alegoria do trapeiro, pois esse sujeito, além de ser marginalizado pelo mercado, vagava pela cidade em busca de restos da sociedade burguesa, numa prática semelhante ao labor do próprio poeta e ao ofício do historiador.

No último momento da obra, “A dessacralização da vida e da arte no século XIX”, Menezes realça outras posturas do poeta frente à sociedade moderna. Baudelaire, a despeito de relutar, se deu conta de que se convertera num trabalhador assalariado. Na esteira disso, que a imagem do mecenas perdia espaço e, então, o artista tinha que atender gostos específicos de um público que olhava para sua produção como uma mercadoria. Mesmo temeroso com a reprodução e a não compensação financeira do trabalho, Baudelaire resistiu aos padrões impostos na época. Tomou consciência de que a poesia não precisava seguir as injunções da ética burguesa; não precisava conter a pureza santificada que glorificava o progresso e as vivências do núcleo aburguesado. Como decorrência disso, sua escrita descobriu a sarjeta e a boemia, as grandes margens esquecidas pelo propalado progresso. Por isso, na parte final do trabalho Menezes insiste em destacar que os homens do século XIX foram os primeiros a sentir a fundo a efervescência das mudanças geradas pelo sistema capitalista, ao encontrarem um mundo que prometia um desenvolvimento ininterrupto, recheado de aventuras,

alegrias e crescimento do capital, enquanto, ao mesmo tempo, destruía toda a experiência anterior em nome do novo, esquecendo-se do seu passado.

Curioso frente às consequências das novidades, mas sem carregar ilusões fantasmagóricas com a modernidade e seu progresso, Baudelaire olhava para a cidade com tom melancólico, com sensação de decadência. Tudo se mercantilizava, desde a produção poética até a prostituição; as relações humanas estavam se transformando num balcão de negócios. A opção pelos deserdados na poesia fez o artista Baudelaire se sentir um herói marginal no universo capitalista – para Menezes, um esgrimista que ergueu sua poesia na defesa das experiências humanas em contraposição ao seu extermínio permanente em nome do progresso. Um poeta urbano, que teve consciência de que a cidade era o lugar de novas contradições e o palco apropriado para resolvê-las.



*Resenha recebida e aprovada em junho de 2013.*